



SALVADOR CINEMATOGRÁFICA

Hugo L. S. Mansur

Este artigo foi fruto do EDITAL N° 01/2020 - Premiação Aldir Blanc Bahia
Prêmio FUNDAÇÃO PEDRO CALMON, categoria MEMÓRIA

Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Ficha catalográfica gerada pela equipe de Bibliotecárias da Gerência técnica – Getec.

M248s Mansur, Hugo Leonardo Silva.
 Salvador cinematográfica/ Hugo Leonardo Silva Mansur. – 2021.
 12 f.

 Produto editorial produzido através da Lei Aldir Blanc Bahia, Prêmio Fundação Pedro Calmon -
 Categoria Memória, 2020.

 1. Cinema. 2. Cinema - Salvador. 3. Roteiro cinematográfico - Salvador. I. Artigo científico. II.
 Título.

CDD 791.437
 20. Ed.



O projeto *Salvador Cinematográfica* consiste na elaboração de roteiro com base na localização urbana identificada a partir de cenários trazidos por filmes realizados em Salvador.

O percurso do roteiro cinematográfico apresenta dez obras do cinema baiano, georreferenciadas por cenas dos filmes cujas narrativas audiovisuais se localizam em cenários da região do Centro de Salvador. A rota começa e finda no longínquo e mais cinematográfico logradouro da cidade, a Rua Ruy Barbosa, que traz cenas para os importantes *Depois da Chuva* e *Trampolim do Forte*. Compõem ainda o mapeamento,

trechos entre as Ladeiras de São Bento e da Praça, Ruas das Flores, Álvares Cabral e Conceição da Praia, além das Avenidas da França e Contorno.

#Cinema&Cidade

[1] *Depois da Chuva* (2013), de Marília Hughes e Cláudio Marques

📍 Rua Ruy Barbosa.

[2] *Cidade Baixa* (2005), de Sérgio Machado

📍 Ladeira da Praça

[3] *Ó Paí, Ó* (2007), de Monique Gardenberg

📍 Rua das Flores

[4] *Esses Moços* (2004), de José Araripe Jr

📍 Plano Inclinado Gonçalves, Rua Francisco Gonçalves

[5] *Quincas Berro d'Água* (2010), de Sérgio Machado

📍 Rua Álvares Cabral

[6] *Jardim das Folhas Sagradas* (2011), de Pola Ribeiro

📍 Avenida da França

[7] *A Coleção Invisível* (2012), de Bernard Attal

📍 Avenida Contorno

[8] *Capitães da Areia* (2011), de Cecília Amado

📍 Rua Conceição da Praia

[9] *A Grande Feira* (1961), de Roberto Pires

📍 Ladeira de São Bento

[10] *Trampolim do Forte* (2013), de João Rodrigo Mattos

📍 Rua Ruy Barbosa

¹ O Projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

² Jornalista, doutorando em Mudança Social e Participação Política (USP), mestre em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA)

[1] **Depois da Chuva** (2013), de Marília Hughes e Cláudio Marques

📍 Rua Ruy Barbosa.



A história do filme se passa na Salvador de 1984 e traz como temas as descobertas da participação política, da sexualidade e da existência na vida dos jovens Caio, Fernanda e Tales, interpretados, respectivamente, pelo estreante Pedro Maia, Sophia Corral e Talis Castro.

A cena trazida como marco geográfico inicial do Salvador Cinematográfica mira a geração posterior a recente derrocada da ditadura militar no país, observada a partir de suas

marcas e transformações. Ao som de metais roqueiros, as personagens caminham pela Rua Ruy Barbosa e com essa escolha Depois da Chuva oferece uma Ruy Barbosa arranha-céu, exibindo toda grandiosidade arquitetônica dos antigos edifícios, uma mescla da Salvador histórica e da Salvador antiga-moderna, em seu contexto fílmico.

Ser uma reta perpendicular ao pôr do sol na Baía que liga a Praça Castro Alves à Ladeira da Praça faz da Rua Ruy Barbosa nossa rua mais cinematográfica. Rua dos Sebos, das repartições públicas, dos antiquários, dos motéis baratos, da mais famosa casa de show erótico do Centro; rua da brisa ininterrupta, do atalho das travestis, moradoras do último castelo da região, da fila do antigo Cine Tamoio; rua berço do menino poeta Marlon Marcos, abrigo dos gatos de rua do Centro Histórico; rua da famosa farmácia de manipulação; rua que começa com um painel de arte assinado por Carybé na lateral do edifício Bráulio Xavier e termina com belíssimo grafite em homenagem a Mulher de Roxo, em casarão, já na Ladeira da Praça com vistas a descida da nossa Ruy Barbosa.

[2] **Cidade Baixa** (2005), de Sérgio Machado

📍 Ladeira da Praça



A poucos passos da Rua Ruy Barbosa acessamos um beco enladeirado que direciona ao topo de uma escadaria, de onde se avista o Hotel Paraíso, fincado na Ladeira da Praça. É neste perímetro que se passa a sombria cena com tenso diálogo entre as personagens encaradas pelos atores Lazaro Ramos (Deco) e Warger Moura (Naldinho) em Cidade Baixa.

O encontro é ápice na narrativa que conecta os dois rapazes, o interesse pela terceira protagonista da obra, a personagem de Alice Braga (Karinna). Uma cena de estranhamento entre os pretendentes. Com poucas palavras, se encontram e se distanciam ao olhar do antigo Hotel Paraíso ao fundo, desativado há tempos e hoje sem mesmo a memória de seu letreiro.

Cidade Baixa tem locações entre as cidades de Cachoeira e Salvador, por via do Rio Paraguaçu. Diversos outros pontos próximos àquela escadaria são também capturados pelas lentes de Sérgio Machado. Soteropolitano que é, suas cenas traduzem intimidade com a cidade e nos trazem uma circulação não usual pelas vielas centrais.

Premiado em Cannes na categoria Prêmio da Juventude, Cidade Baixa levou menção honrosa no Festival de Cinema de Havana e é marcado como um trabalho de parceria no roteiro dos jovens cineastas Sérgio Machado e Karim Aïnouz.

[3] **Ó Paí, Ó** (2007), de Monique Gardenberg

📍 Rua das Flôres



Fenômeno do teatro baiano, uma realização do trintão Bando de Teatro Olodum, das companhias mais importantes do país, *Ó Paí, Ó* é o texto mais conhecido de uma trilogia de peças com endereço fixo nas ruas, becos, vielas e ladeiras do Centro Histórico.

Na Rua das Flôres foram gravadas muitas das cenas que geraram não somente o filme, mas também a série televisa, que trouxe ainda mais sucesso e repercussão aos temas desse relato sobre a vida dos moradores de uma

Salvador que insiste em se ofertar cartão postal. Lá estão os cenários da oficina de trabalho de um dos muitos protagonistas bem como o corredor que apresenta o desfecho da história.

O filme foi capaz de revelar nacionalmente muitos dos talentos locais, abrindo portas para trabalhos em tv e cinema. Muitos creditam o filme como musical soteropolitano, uma das versatilidades da obra, que é também comédia, drama, histórica-documental. Na cena, Dona Joana (Luciana Souza), Raimunda (Cássia Vale) e Baiana (Rejane Maia), mulheres do Bando, mulheres do Pelourinho, mulheres do Maciel, guardiãs da vida, da cultura e da religiosidade afro-baiana.

Neste frame se vê a cena mais forte do filme. Cena que denuncia o genocídio do povo negro e a já sazonal gentrificação do Centro Histórico, argumentos base da história. Na sequência das imagens, como trilha, a impactante canção da Timbalada, festiva e reflexiva como o filme, guia o desfecho com: “Jesus desde menino é Palestino, é Palestino, Ralé é, Ralé é”, mensagem símbolo da música e do cinema baiano.

Encruzilhada com a Avenida J.J. Seabra, a principal da Baixa dos Sapateiros, a Rua das Flôres é rua de regueiros, território para o que tem intimidade com a cidade. Uma rua peculiar, tão próxima e tão distante do turismo predatório.

[5] **Quincas Berro d'Água** (2010), de Sérgio Machado

📍 Rua Alvares Cabral



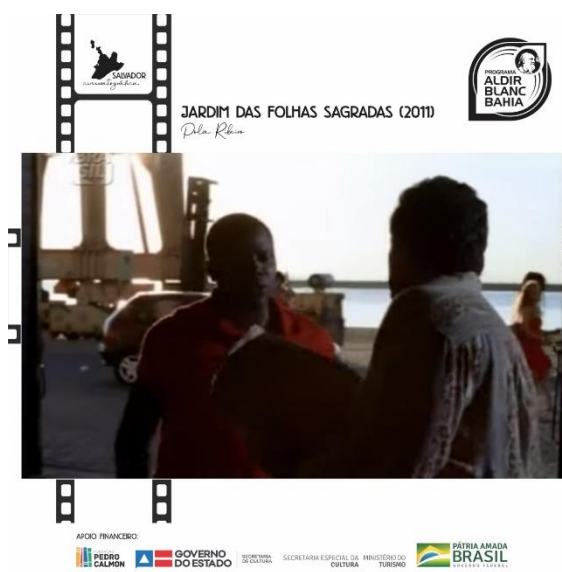
Esta é Manuela (Marieta Severo) e nesta cena assistimos seu desespero ao receber a notícia da primeira morte de Quincas, seu amante predileto. Devastada, a personagem, originalmente proposta por Jorge Amado no quase homônimo *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água* (de 1959), que veio antes e deu origem ao filme de Sergio Machado, gravado em Salvador - em 2009, trouxe a Bahia, Marieta Severo.

A cena ocorre na sacada de um casarão com ares colonial sediada na Rua Alvares Cabral. A Rua Alvares Cabral fica a poucos passos do Plano Inclinado Gonçalves e é permeada por escritórios públicos e privados, além de lojas e lanchonetes no bairro do Comércio.

Na história, o casarão é sede do bordel da cantora espanhola interpretada por Marieta. Manuela havia estado com Quincas horas antes de seu sumiço pela madrugada e inconformada com sua partida ameaça atirar-se janela afora. Impedida por uma de suas meninas, a venenosa Lolita, interpretada pela atriz baiana Maria Menezes, que chega em cena instantes depois da patroa atravessar o gradil. São instantes de tragédia e comédia, encerrados quando Lolita adverte, com ironia e graça, que daquela altura o máximo que conseguiria seria um braço quebrado.

[6] **Jardim das Folhas Sagradas** (2011), de Pola Ribeiro

📍 Avenida da França



Jardim das Folhas Sagradas é um filme raro. Muitas obras do cinema nacional passaram pela mística religiosa baiana, no entanto, poucas a reverenciaram de maneira central. Sua história revela uma Salvador urbana e ancestral.

A paisagem que se vê nesta captura apenas recentemente tornou-se uma imagem familiar aos que pela Avenida da França trafegam. Os galpões do Porto sempre foram barreiras para o livre olhar à baía. Filmado em 2007, quando

o equipamento ainda não havia sido reformulado, poder adentrar na restrita área portuária não sendo o viajante nem o portuário estivador foi possível através das lentes que desejou mirar Pola Ribeiro.

O diálogo em cena é certeiro, uma transação imobiliária entre as personagens de Érico Brás e Carlos Betão. Poucos instantes que servem para contextualizar um filme cuja sinopse é repleta de elementos com a finalidade de contar a história de “Bonfim, um bancário bem-sucedido, negro e bissexual, casado com uma mulher branca e de crença evangélica. Ele vive em uma Salvador contemporânea e recebe a incumbência de montar um terreiro de candomblé no espaço urbano. Para isto, enfrentará a especulação imobiliária numa cidade de crescimento vertiginoso, o preconceito racial e a intolerância religiosa. Este homem, embora questione a tradição da própria religião, tem a missão de montar um ambiente sagrado e de respeito à natureza, superando as contradições e conflitos trazidos pela modernidade”.

[7] **A Coleção Invisível** (2012), de Bernard Attal

📍 Avenida Contorno



A Coleção Invisível trafega com suas lentes entre o interior e a capital baiana para contar a história de uma família em decadência financeira no ramo das antiguidades, a partir de uma realidade muito soteropolitana, mas também universal.

Várias das cenas envolvem Beto, protagonista interpretado por Wladimir Brichta (presente na imagem), em momentos ao volante. Neste em específico, a personagem dirige pela Avenida Contorno, que sempre esteve

marcada pelos painéis mosaicos do artista Bel Borba, quando, há vinte anos, se pensava e se passava pela Contorno, mas as obras não receberam a devida manutenção e já não impactam como no início dos 2000.

O cineasta Araripe Junior apelidou os mosaicos de Borba de “grafite bizantino”. Fincado pelas imediações do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAMB), o trabalho realizado na Contorno foi viabilizado como uma homenagem em comemoração aos 450 anos da cidade de Salvador (em 1999). Desse trecho de cena, ficam intercaladas ao ângulo do carro de Beto a vista da Baía de Todos os Santos e os antigos murais em degradação.

Nesta cena, a tensão de Beto ao dirigir pela avenida penhasco está voltada para problemática de um acidente de trânsito no qual se envolveu e do qual busca se desvencilhar. Rodado entre a capital e a cidade de Itajuípe o filme carrega mistérios e suspenses incomuns numa empreitada para o roteiro adaptado de conto do escritor austríaco Stefan Zweig, assinado pelo próprio diretor, Bernard Attal, em parceria com Sergio Machado e Iziane Mascarenhas.

Último trabalho do ator Walmor Chagas, A Coleção Invisível fica marcado como um filme despedida de um ator cuja carreira de sessenta anos esteve dedicada ao cinema nacional. Sua participação é tida como das mais bem-sucedidas de sua carreira.

[8] **Capitães da Areia** (2011), de Cecília Amado

📍 Rua Conceição da Praia



Capitães da Areia, do romance de Jorge Amado e da ficção de Cecília Amado, avô e neta, literatura e cinema, separados pelos respectivos tempos de suas realizações, traz uma história de fama internacional. O livro lançado em 1937 e o filme estreado em 2011. Ambos baseados nas histórias dos meninos de uma Salvador que parece não evoluir com o tempo.

Abandono, desamparo, violência são denúncias atemporais no livro, no filme e na

vida soteropolitana. No entanto, o filme serviu como plataforma para uma geração de jovens atores formados pela empreitada, que desde sua estreia valorizou a carreira de artistas igualmente esquecidos.

Das areias do Rio Vermelho, passando pelas areias do bairro do Comércio até as areais fofas das praias do Subúrbio, Capitães da Areia mapeia as rotas do menino e da menina entre eles inseridos no passado, no passado recente e no presente da Salvador turística.

Em destaque, na cena, Pedro Bala (Jean Luís Amorim), o líder dos capitães, surge nas escadarias da Basílica Santuário Nossa Senhora da Conceição da Praia, no bairro do Comércio.

[9] **A Grande Feira** (1961), de Roberto Pires

📍 Ladeira de São Bento



Não à toa, o cartaz de *A Grande Feira* tem um quê cordelista. Em 1961, cordéis do trovador Cuíca de Santo Amaro, personalidade popular em Salvador, cuja plataforma de publicação ia além dos folhetos, quando em suas leituras públicas, em cima de um banquinho de madeira aglomerava gente na Rua Padre Agostinho Gomes, serviram de inspiração para o roteiro de Roberto Pires.

Bem recebido pelos pares (Walter da Silveira e Glauber Rocha), o filme de Pires agradou

pela técnica, abordagem temática, debate social e beleza estética. Com presenças luminosas de Antônio Pitanga, Luiza Maranhão, Helena Ignez, além de José Gomes, interpretando a si, o próprio Cuíca de Santo Amaro.

A inteligente cena captura uma desafiadora e eletrizante sequência sem cortes que filma os protagonistas a partir do banco de trás de um veículo conversível mirando seu condutor e sua acompanhante numa aventureira descida Cidade Alta rumo à Cidade Baixa, pelas Ladeiras de São Bento e Montanha, nos ofertando toda paisagem deste eternizado trajeto.

[10] **Trampolim do Forte** (2013), de João Rodrigo Mattos

📍 Rua Ruy Barbosa



Após percorrer circuito mapeado a partir de dez cenas de filmes baianos, Salvador Cinematográfica retorna ao ponto de partida, a Rua Ruy Barbosa, cenário de Trampolim do Forte, filme lançado no mesmo ano (2013) do Depois da Chuva, que também gravou cenas nesta rua emblemática para o Centro e a história da cidade.

Em Trampolim do Forte, estreia na direção de João Rodrigo Mattos, dois garotos são acompanhados ladeira acima, ladeira abaixo,

da praia do Porto da Barra à região do Centro Histórico. Vendedores de picolé, Felizardo (Adailson dos Santos) e Déo (Lúcio Lima) vivem pelas ruas e sobrevivem delas.

Vale destacar, as imagens do trampolim da praia do Porto tornaram-se memória com o filme. A plataforma de madeira foi desativada pelo poder público devido a riscos de acidente entre pedras e marés baixas.



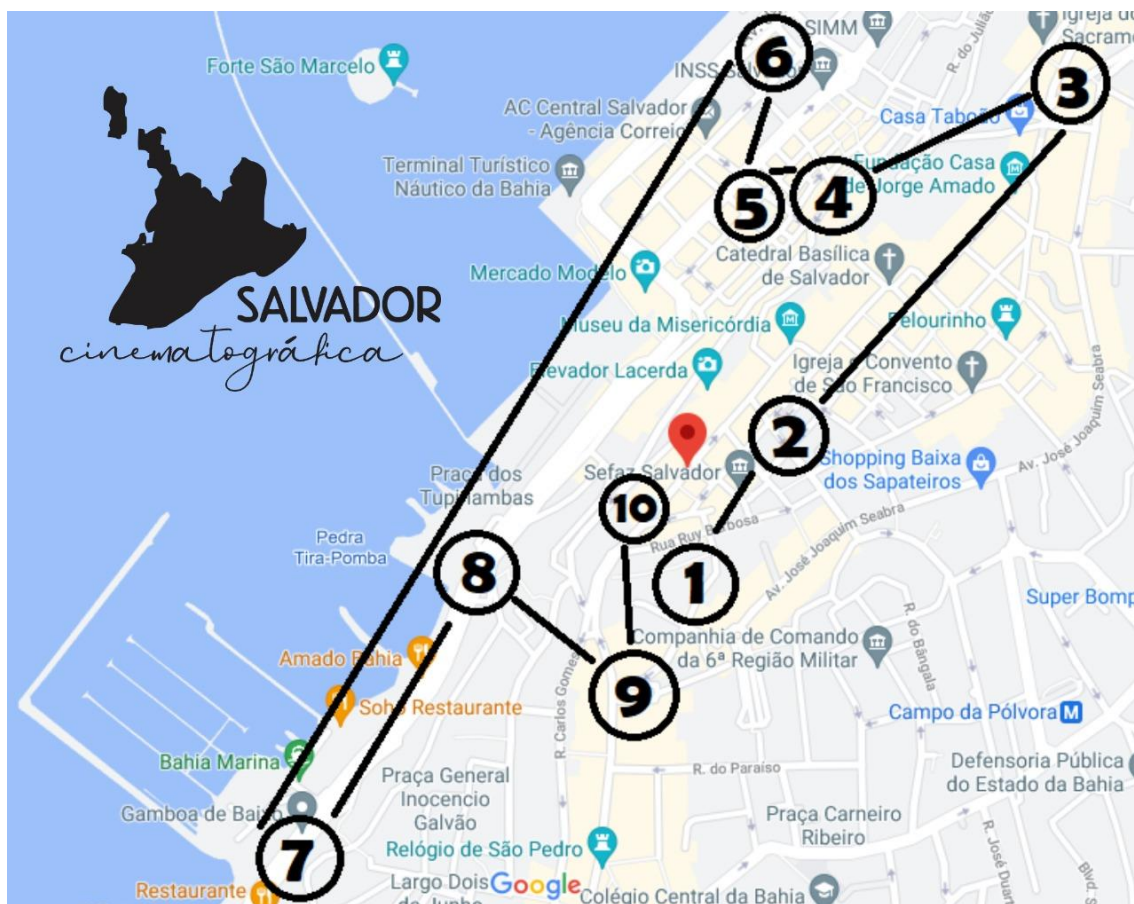
A rota do Salvador *Cinematográfica* começa e finda na Rua Ruy Barbosa, centro da cidade, cujas mediações também estiveram na mira das lentes do cinema baiano. O perímetro da região central da cidade ajuda a contar histórias no cinema, tornando-se uma área de forte representação da capital. Nas cenas ficam registradas as belezas e, também, as problemáticas sociais, raciais e humanitárias.

Buscando democratizar o acesso ao cinema e a ideia de pertencimento ao espaço público

através do reconhecimento da geografia do cotidiano, o projeto apresenta a relação imagética da arte cinematográfica e o cenário vivo do espaço público soteropolitano.

As cenas selecionadas trazem a possibilidade do reconhecimento do espaço geográfico, que além de servir ao que se narra (nos filmes), captura o espaço urbano capaz de familiarizar e assim aproximar o espectador. É reconhecendo aquele espaço comum a seu dia a dia, como mostram os prints retirados da plataforma *google maps*, no qual a localização do logradouro se confirma pelo nome e região que está inserido, que podemos agregar informação, valor e identificação, para assim democratizar o olhar cinematográfico e urbano.

Rota Salvador Cinematográfica:



[1] Depois da Chuva (2013), de Marília Hughes e Cláudio Marques

📍 Rua Ruy Barbosa.

[2] Cidade Baixa (2005), de Sérgio Machado

📍 Ladeira da Praça

[3] Ó Paí, Ó (2007), de Monique Gardenberg

📍 Rua das Flôres

[4] Esses Moços (2004), de José Araripe Jr

📍 Plano Inclinado Gonçalves, Rua Francisco Gonçalves

[5] Quincas Berro d'Água (2010), de Sérgio Machado

📍 Rua Alvares Cabral

[6] Jardim das Folhas Sagradas (2011), de Pola Ribeiro

📍 Avenida da França

[7] A Coleção Invisível (2012), de Bernard Attal

📍 Avenida Contorno

[8] Capitães da Areia (2011), de Cecília Amado

📍 Rua Conceição da Praia

[9] A Grande Feira (1961), de Roberto Pires

📍 Ladeira de São Bento

[10] Trampolim do Forte (2013), de João Rodrigo Mattos

📍 Rua Ruy Barbosa

FIM

Salvador, 07/07/2021